

ALGUMAS IDEIAS PARA DOCÊNCIA NO SÉCULO XXI: POR UMA “ESTÉTICAPOLÍTICA” DA SOBREVIVÊNCIA¹

SOME IDEAS FOR TEACHING IN THE 21ST CENTURY: TOWARD AN “AESTHETIC-POLITICAL” APPROACH TO SURVIVAL

Bruno Costa Lima Rossato
CECIERJ
Nilcelio Sacramento de Sousa
UFT

Resumo

O artigo apresenta alguns resultados produzidos em uma pesquisa de doutorado em educação que transitou por memórias-docentes em tempos de horror, demarcados pela pandemia do Covid-19. O objetivo é evidenciar alguns fios condutores desta produção: os usos do audiovisual por pessoas comuns, (Kilpp, 2012), que colocam as professoras na partilha do sensível (Rancière, 2009), e a percepção de que as relações das professoras com os vídeos, no período pandêmico, geram uma “estéticapolítica” da sobrevivência (Bhabha, 2011) na docência e de suas vidas. Tais relações rompem com a estética hegemônica que limita a sensibilidade e captura o desejo. Dessa forma, a experiência das docentes com a produção dos vídeos nos levou a questionar: é possível sermos capazes de desejar de outro modo?

Palavras-chave:

Estéticapolítica; docência; autoformação; audiovisualidades.

Abstract

The article presents some results from a doctoral research project in education that explored teaching memories in times of horror, marked by the Covid-19 pandemic. The aim is to highlight some guiding threads of this production: the use of audiovisual media by ordinary people (Kilpp, 2012), which places teachers within the distribution of the sensible (Rancière, 2009), and the perception that teachers' relationships with videos during the pandemic period generate an “aesthetic-political” dimension of survival (Bhabha, 2011) in both their teaching and their lives. Such relationships break with the hegemonic aesthetics that limit sensibility and capture desire. In this way, the teachers' experience with video production led us to question: is it possible for us to desire differently?

Keywords:

Aesthetic-politics; teaching; self-training; audiovisualities.

UM COMEÇO

Este texto tem como proposta aprofundar as discussões em torno de uma tese de doutorado em educação que problematizou as criações de professoras de Educação Infantil, durante a pandemia, em uma creche pública do município do Rio de Janeiro. O artigo busca destacar alguns fios condutores dos conhecimentos produzidos nessa pesquisa, especialmente os usos do audiovisual por pessoas comuns (Kilpp, 2012), que colocam as professoras na partilha do sensível (Rancière, 2009). Muitas pesquisas têm enaltecido o movimento docente num período tão tenebroso na história da humanidade. Diversos dossiês, artigos, livros, documentários foram publicadas com a intenção, conforme este texto, de trazer as memórias das docentes que encontram na criação um refúgio para sua própria sobrevivência, bem como para a continuidade da educação e das vidas.

Naquele momento da pandemia do Covid-19, o caminho utilizado pelo coletivo docente daquela creche foi produzir audiovisuais para criar laços de afeto e tecer conhecimentos e significações com as crianças da Educação Infantil. Nos interessa, neste trabalho, pensar: o que essa experiência² nos deixou? O que essa experiência produziu em nós, professoras? Como sobrevivemos, no contexto do magistério, ao praticar a docência entre as telas e vislumbrar outras possibilidades para partilhar nossas existências, nossas docências e, assim, pensar os currículos? O que irá porvir no meio dessas situações?

Didi-Huberman (2011) com a noção de lampejo em prol da criação de uma “política da sobrevivência” nos serve de apoio. O autor opera com esta concepção a partir do contraponto ao cineasta Pasolini (2020), que faz uma dura crítica sobre a morte dos vaga-lumes, no qual, nas palavras de Didi-Huberman (2011, p. 25-26): “um lamento fúnebre sobre o momento em que, na Itália, os vaga-lumes desapareceram, esses sinais humanos da inocência aniquilados pela noite - ou pela luz ‘feroz’ dos projetores - do fascismo triunfante”. Nesse sentido, o autor recupera a noção de lampejo, apoiando-se em Benjamin, para pensar a experiência como algo

indestrutível, mesmo que essa experiência se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades. A existência de um lampejo, nesse aspecto, evidenciam: “pequenas histórias na grande história. Histórias de corpos, de desejos, histórias de almas e de dúvidas íntimas” (Didi-Huberman, 2011, p. 17), algo que as memórias-docentes, no contexto da pesquisa, nos ajudam a evidenciar.

Outro autor, com o qual nos debruçamos na escrita deste texto, é Homi Bhabha (2011), que nos convoca a refletir sobre a ideia de estética da sobrevivência. Para Bhabha, sobreviver é continuar vivendo depois da cessação de alguma coisa, depois de um acontecimento ou de um processo, é prosseguir na luz e na sombra de um trauma, de um desafio, o que demanda uma negociação entre momentos “antes” e “depois” sem necessariamente, implicar uma continuidade histórica.

Operamos também com os ensinamentos de Rancière (2009) a partir da noção de “partilha do sensível”, em que o autor afirma que a política é estética. Nesse aspecto, principalmente num contexto de catástrofe, compreendemos que o uso das audiovisualidades,³ por parte das professoras, provocam trânsitos entre o estético e o político, uma vez que se tratando de uma arena em disputa, - de quem pode operar o audiovisual - a política diz respeito aos lugares e as funções que as pessoas - produtoras e espectadoras - ocupam e desempenham dentro de um mundo comum partilhado e, em paralelo, diz respeito aos enfrentamentos inseridos nesta partilha, ao que Rancière (2009) denominou de “partilha do sensível”. Ao pensar na partilha do sensível, faço diálogo com Olarieta, Seixas e Gomes (2020, p. 2) que nos apontam:

A política como partilha do sensível refere-se, sobretudo, às divisões de poder: quem pode ou não pode tomar parte no comum, quem é dotado ou não de palavra dentro dele, quem tem competência ou não para participar, quem é visível e quem é invisível nesse espaço que dividimos. Refere-se, assim, ao que aparece como visível, mas também ao que não se vê (Olarieta; Seixas; Gomes, 2020, p. 2).

Nesse caminho, Rancière (2009) afirma que esse movimento implica a invenção de formas outras de fazer visível, configurando novas formas ao que é de todos, promovendo abertura a novos possíveis, a partilha do sensível. E no caso das professoras, no uso das audiovisuais, faz gerar novas formas de lidar com alternativas que acabam por criar novas estéticas e novas políticas em meio a sobrevivência, causada pelos tempos de horror.

Desse modo, Bhabha (2011) nos convoca a pensar a sobrevivência como quebra do regime de continuidade. O autor nos aponta que a experiência do sofrimento e opressão, do sujeito sobrevivente, não é mera prática narcisista, mas se constitui numa sobrevivência coletiva, elaborando um sentido de sobrevivência como “coragem de viver” (Bhabha, 2011, p. 42) criando-se, assim, estéticas outras que ousam reinventar a tradição. Bhabha, então, nos ajuda a mudar a direção do pensamento, pois nos traz a eficácia simbólica da estética para reinscrever o social a partir de memórias “individuais coletivas” como forma de inseri-las no debate contemporâneo da relação entre estético e político.

A proposta deste trabalho foi problematizar as criações de professoras de Educação Infantil, no período da pandemia, de uma creche pública do município do Rio de Janeiro, na qual o autor principal da pesquisa atuava na equipe da direção. No entanto, todo material armazenado foi perdido com as mudanças realizadas pela nova administração. Diante disso, resolvemos percorrer na busca por operar com as minhas memórias e com memórias de algumas professoras, ou seja, um pensamento, uma história e uma memória coletiva desse momento e dessa produção, numa tentativa de que, o que foi vivido e o que foi criado não se percam totalmente, não caiam no esquecimento.

Com base em Polak (1989), entendemos que as memórias são como uma tentativa de trazer à tona alguns sentimentos, memórias que afloram em momentos de crise, e, de certa forma, criam outras possibilidades frente a memória tida como oficial. Memórias

consideradas subterrâneas, clandestinas, inaudíveis que: “intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação” (Polak, 1989, p. 6).

No itinerário das memórias acionadas neste texto, é possível destacar a relevância das experiências vividas no enfrentamento de situações inéditas e desafiadoras. A partir delas, forjamos nossas docências - em meio à busca pela sobrevivência. Sobrevivência das nossas vidas, das nossas práticas docentes, da escola e da própria Educação Infantil.

VIVER PARA CONTAR OUTRAS HISTÓRIAS: ALGUNS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Eu tenho uma história para contar
Às vezes, fica tão difícil escondê-la
bem.

Live to tell, Madonna e Patrick Leonard⁴

Preciado em seu livro intitulado *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023) reúne textos escritos durante a pandemia, no qual utiliza o conceito de disforia de gênero para problematizar a noção de mundo disfórico, mas sem relacionar disforia, com patologia, porém, como epistemologias outras que surgem em meio à transição.

Essa transição disfórica trouxe um vírus num primeiro plano e as interrogações sobre a construção política do corpo, que antes parecia afetar apenas os tidos como “anormais”. Contudo, neste momento da pandemia do Covid-19 os normais, o padrão, a hegemonia estavam nos “testículos” do furacão, prontos para dar outros sentidos aos processos de gestão da vida, sob o qual o Foucault (2007) denomina de biopolítica. Preciado (2023) problematiza esta noção, fazendo alargamentos a partir de outro autor, Mbembe (2018 *apud* Preciado, 2023).⁵ Nas palavras de Preciado: “se a biopolítica era gestão da vida das populações com o objetivo de maximizar

o lucro capitalista [...], a necropolítica era seu funcionamento negativo: destruição dos levados a cabo durante a modernidade - mulheres, gays, trans, minorias raciais, religiosas etc” (Preciado, 2023, p. 114).

Preciado (2023) escreve sobre como surgiram as tecnologias necropolíticas, a partir do surgimento do vírus da Aids, produzindo formas novas de morrer. Assim, a pandemia do início do século XXI, que atacou toda a população herdeira do capitalismo do século XX, escancara que a biopolítica - atualmente - não escapa das tecnologias da morte, desta maneira, nos alerta Preciado: “não falaremos mais de biopolítica, mas de necrobiopolítica” (Preciado, 2023, p. 115).

Ao trazer o termo “necrobiopolítica”, Preciado (2023) problematiza a potência do vírus em operar como uma força capaz de alterar os rumos da história da humanidade, como ele nos diz: “um facão afiado” (Preciado, 2023, p. 234). Como se a história desses tempos fosse marcada por um enorme “chouriço de sangue” entre máquinas, instituições, imagens, sonhos e pesadelos que transformam as tecnologias de poder. Como diz o autor: “bem-vindos à necrobiopolítica, amigos. Este corpo também é o seu” (Preciado, 2023, p. 234). O uso garantir a vocês, com ajuda de Preciado, que as vacinas produzidas, na pandemia da Covid-19, foram a forma de fazer o capitalismo sobreviver, o capitalismo ameaçava morrer com o vírus e o isolamento sanitário.

Ainda sobre as provocações de Preciado (2023) sobre este mundo “dysphórico”, o autor nos aponta que a “*dysphoria mundi*” é uma condição generalizada, caracterizada pela dor intensa que a gestão “necrobiopolítica” produz na subjetividade. Porém, essa condição também traz aos corpos potencialidades de romper com a genealogia capitalista, patriarcal e colonial por meio de práticas não conformes. Assim,

Dysphoria mundi é a forma que a subjetividade política assume entre o momento de ruptura umbral de percepção da modernidade “petrosexorracial” necropolítica e a emergência da incipiente consciência

exterior em relação à epistemologia dominante. Este descentramento já anuncia a possibilidade de uma mutação de percepção na qual a destruição do planeta, a política da guerra, a opressão racial, sexual e de gênero transformaram-se em eventos éticos perceptíveis e portanto insuportáveis - tão insuportáveis quanto os rituais canibais ou a queima das bruxas nas fogueiras da Inquisição nos parecem hoje (Preciado, 2023, p. 258).

No apontamento de Preciado, *dysphoria mundi* pode ser um desejo de mudança por outra modalidade de existência. Ao deslocar o termo disforia como forma de compreensão filosófica, do mundo contemporâneo, o autor nos indaga “e se a disforia de gênero não fosse um transtorno mental, mas uma inadequação política e estética de nossas formas de subjetivação em relação ao regime normativo?” (Preciado, 2023, p. 21).

Logo, vislumbramos o quanto o magistério é composto por uma constelação de múltiplas forças e relações em composições imprevisíveis. E é com essa aposta, mesmo com um mundo “dysphórico”, que ousamos problematizar uma interrogação de Preciado (2023, p. 31) quando nos diz: “[...] *Dysphoria mundi*. Agora a pergunta é: seremos capazes de desejar de outro modo? O que vem depois dos massacres?”. Respondemos: não sabemos, mas cotidianamente estamos sempre tentando, conseguindo ganhar microbatalhas grandiosas. Estamos inventando, invadindo, misturando. Lampejos, ao modo Didi-Huberman (2011), que quebram a glória a partir de uma “arqueologia dos vaga-lumes”, na expectativa que formas outras de viver e experimentar o mundo possam ser narradas como se fossem escavações arqueológicas.

A apresentação da cantora Madonna com a canção *Live to tell*, significa, em nossas palavras, viver para contar, pois este texto se propõe a trazer vivências, memórias que tanto precisam ser contadas. Essa apresentação foi criada por Madonna para a turnê *Celebration Tour*, que celebra os 40 anos de carreira da cantora.

Nesta apresentação de Madonna parece que ela está passeando pelas histórias de cada



Figura 1 - Imagens da apresentação da canção *Live to tell*, pela cantora Madonna, com QR code de acesso ao vídeo.
Fonte: Youtube.⁶

uma das pessoas que surgem na foto, como se ela desejasse acionar memórias sobre elas e criar um mundo com as imagens de cada um que surge no decorrer da canção. Muitos ali, inclusive, eram pessoas amigas da cantora.

É notório que nos tempos de sobrevivência a uma catástrofe a vida nos exige pouco para sermos felizes: oxigênio, capacidade de respirar, ausência de dor física e psicológica, comida e amor, tudo isso independente de classe, raça, gênero e tantas outras variantes de saber-poder que tentam nos impor em classificações (Preciado, 2023).

Preciado (2023) nos alerta que as produções da cultura - a literatura, as artes plásticas, o teatro, a dança, os filmes dentre outros - nunca foram completamente capturados pelo consumo, pelo capitalismo, pois não são objetos de consumo, são relações que se constituem. Nas palavras do autor: "São relações sociais encapsuladas em códigos linguísticos, teatrais ou audiovisuais. Por isso, nos tempos de reclusão, nos alimentamos com a energia nelas contida" (Preciado, 2023, p. 235).

Acreditamos que uma das maiores aprendizagens, neste período de destruição da vida - se é que é possível vislumbrarmos isso - é que fomos capazes de inventar formas outras de viver com afeto e, assim, sobreviver. Neste sentido, o que foi possível ser realizado na docência em Educação Infantil, uma

docência outra, preocupada em sobreviver. Uma docência inventada a cada pensamento, problematização, a cada "eu não sei fazer isso" ou "eu não sei lidar com isso", mas que se jogou, no tido como desconhecido, para afetar, para se relacionar, para mostrar que a vida, como clama Preciado (2023), precisa de relações pautadas no sensível.

ANÚNCIOS DE SOBREVIVÊNCIAS: AS CATÁSTROFES NOS ENSINAM?

No início dos anos 2000, víamos nos livros didáticos e nas aulas de Geografia o quanto precisávamos ficar atentos às mudanças climáticas, que isso abalaria todo o mundo, nossos modos de vida, de toda a população. O *Protocolo de Quioto* de 1997 (Convenção..., 2004) e a *Eco 92* (ONU, 1992) já anunciavam os perigos de uma vida humana que poderia não ser mais útil. Até então, em termos de pandemia na contemporaneidade, só vivíamos com o vírus Aids, que atacava e destruía a vida dos considerados corpos dissidentes.

Preciado (2023), de modo contundente, considera que um vírus não é simplesmente uma doença, mas pode resultar na dissolução dos saberes, das formas de vida. Um vírus, é um choque de saberes e não apenas no campo dos imunologistas, mas também para filosofia contemporânea, já que, um vírus não está nem vivo, nem morto, sobrevive ao ser alojado numa

vida. O capitalismo “petrosexoracial”,⁷ assim entendido, é um vírus? Essa pergunta nos leva a Preciado. Em sua obra de 2023, o autor nos ensina que o vírus da Covid-19 tira o pensamento moderno binário - vida/morte - do sério, pois com o isolamento sanitário e as relações outras produzidas: “[...] transtorna a ordem, transgride os limites, sacode os termos da classificação, desfaz a taxonomia. Indizível, ele (o vírus) é uma entidade constitutivamente disfórica” (Preciado, 2023, p. 180).

Parece que as lógicas capitalistas retornam! Contudo, ousamos perguntar: Será mesmo que os modos de uma vida pandêmica acabaram? Será que na verdade vivemos uma pandemia do vírus do capitalismo “petrosexoracial”? Preciado (2023) alerta que:

Por sua condição precária e fronteiriça, o vírus se assemelha a outras “entidades” históricas as quais não foi concedida a existência plena, ou que foram percebidas como subalternas, mas também como parasitas ou daninhas, pensadas como meras cópias de outras formas de vida tidas como mais originais: a mulher, a bruxa, o homossexual, a travesti, a pessoa com deficiência, os corpos racializados, o imigrante, o exilado, o estrangeiro, todos foram pensados historicamente como vírus políticos, parasitas sociais ou sexuais que ameaçavam a integridade do corpo soberano nacional masculino, branco e heterossexual (Preciado, 2023, p. 185).

A partir desse pensamento, interrogamos: e a instituição escola? Ao longo dos séculos, conforme suas normativas oficiais, essa instituição sempre combateu esses corpos carregados de vírus políticos. Será urgente, a partir do vírus da Covid-19, pensarmos em formas outras de praticar a vida nas/com as escolas?

Temos apreciado em diversas notícias na TV uma desconfiguração total das formas de vida no planeta. Chuvas intensas, secas, fogo, qualidade do ar péssima. Chegamos num ponto em que tudo isso não afeta apenas os biomas, as florestas e animais silvestres - o que já é muita coisa - afeta a vida humana, as formas de nos relacionarmos vem sendo alteradas por essas mudanças. Estamos colhendo o que o capitalismo plantou: carbono, silício e tantos outros venenos. Contudo, o que a pandemia do Covid-19 nos ensinou? Será urgente, como a *dysphoria mundi* de Preciado anuncia, uma transição planetária que afetasse as políticas educacionais? Precisamos de novos modos de nos relacionarmos com os saberes, ou necessitamos da abolição do uso de celulares nas escolas, pois estes “afetam” os conteúdos tidos como escolares? Que vida os currículos oficiais têm nos ensinado? Que vida queremos nas escolas? Fizemos o “retorno presencial nas escolas” e voltamos os mesmos? Mesmos currículos, mesmas práticas, mesmas lógicas? Por que - muitas das vezes - quando falamos

g1 DISTRITO FEDERAL

VÍDEO: 10 crianças desmaiam em escola pública por causa da fumaça de incêndio no DF

Centro de Ensino Fundamental 19, de Taguatinga, interrompeu aulas durante tarde desta quarta-feira (18). Outros estudantes passaram mal.

Por Michele Mendes, TV Globo
18/09/2024 18h56 - Atualizado há um ano



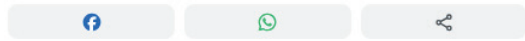
Crianças desmaiam em escola por causa da fumaça de incêndio no DF

Figura 2 - Reportagem sobre crianças que passaram mal devido ao incêndio. Fonte: Globo.com⁸

Cruzeiro do Sul adere à suspensão de aulas em escolas estaduais por conta da poluição

Governo havia anunciado medida válida para sete municípios, porém, a segunda maior cidade do estado também registrou piora na qualidade do ar. Estudantes terão aulas remotas com conteúdos transmitidos via internet, TV e rádio.

Por Victor Lebre, g1 AC — Rio Branco
11/09/2024 18h34 · Atualizado há um ano



Alunos chegaram a ir às escolas, mas aulas foram suspensas durante a manhã — Foto: Mairinho Rogério/Rede Amazônica Acre

Figura 3 - Reportagem sobre a suspensão das aulas em 2024. Fonte: Globo.com ⁹

a palavra “pandemia” muitos fogem e dizem: “Isso já passou e não quero mais lembrar!” ? Vejamos as notícias abaixo, todas do segundo semestre do ano de 2024, para pensarmos como nossos modos de vida vêm sendo alterados e, mais uma vez, vislumbramos alguns termos, como o “escolas fechadas”.

Nesse sentido, Krenak (2020), que produziu um livro a partir de suas reflexões do período pandêmico, nos alerta, mais uma vez, sobre nossas tendências destrutivas derivadas das

relações com o consumo, a devastação da natureza e uma percepção excludente da noção de humanidade. Na contracapa do livro *A vida não é útil* há um pensamento do autor que penso ir de encontro com as articulações deste texto, de Preciado e de inúmeras pessoas que acreditam na vida: “Se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisamos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós poderemos habitar este planeta, mas

Prefeitura do Rio de Janeiro decreta ponto facultativo por causa do risco de temporais

Escolas municipais e serviços não essenciais não funcionarão nesta sexta-feira (22). Repartições estaduais e federais estarão também não terão expediente.

Por g1 Rio
22/03/2024 01h06 · Atualizado há 2 anos



Aproximação de frente fria causa chuva forte em bairros do Grande Rio

Figura 4 - Reportagem sobre fechamento de escolas em março de 2024. Fonte: G1.com ¹⁰

de outro jeito” (Krenak, 2020). Com isso, em 2024, ainda vemos velhas discussões habitarem as políticas de Estado. Enquanto nossas preocupações, nossas práticas, nossas formas de ser-pensar-significar o mundo, devem - e precisam - ser outras.

Parece, de fato, que as instâncias hegemônicas nada aprenderam com a pandemia. E ousamos afirmar que nada aprenderam mesmo, pois as vacinas da pandemia do Covid-19, como afirma Preciado (2023), foram para salvar o capitalismo! Entretanto, que usos fazemos dessas vacinas? Preciado grita, meu povo! Estamos em disforia, numa transição planetária, o que nós - pessoas comuns -, fazemos com isso? O capitalismo não quer nos deixar respirar. Necessitamos, ao modo *dysphoria mundi*, nos fortalecermos, nos movimentarmos, e no caso das relações pedagógicas, necessitamos de práticas que nos ensine a respirar. Respirar a vida, os afetos, a criação, a sobrevivência, os lampejos, a multiplicidade, formas outras para sufocar o capitalismo “petrosexorracial”. Precisamos, nesses tempos do século XXI, de uma prática educativa que movimente, cada vez mais, a uma “estéticapolítica” da sobrevivência.

O QUE FICOU? AS APRENDIZAGENS POR UMA “ESTÉTICAPOLÍTICA” DA SOBREVIVÊNCIA

Não se assuste pessoa
Se eu lhe disser que a vida é boa
Enquanto eles se batem
Dê um rolê e você vai ouvir
Apenas quem já dizia
Eu não tenho nada
Antes de você ser eu sou
Eu sou, eu sou
Eu sou amor da cabeça aos pés.

Dê um rolê, Moraes Moreira e Luiz Galvão.

Ser amor da cabeça aos pés pode parecer complexo, difícil, às vezes distante de ser possível. Mas se estamos em mutação, conforme diz Preciado (2023), a partir da ideia de *dysphoria mundi*, acreditamos que

alguns de nós, vaga-lumes (Didi-Huberman, 2011) no palco da vida, somos convocados - nos movimentos e acontecimentos do dia a dia -, a sermos campos de experimentação e testemunho das nossas próprias aparições e criações. Deixamos para trás toda e qualquer tecnologia patriarcal, colonial, racial, de gênero em prol da tecnologia dos afetos, dos vínculos, das experiências, da aprendizagem inventiva (Kastrup, 2001), das outras possibilidades de viver.

Então trazemos aqui algumas memórias de pesquisa. Essas memórias foram ficcionadas/fabuladas/inventadas⁹ a partir de e com as conversas, cujo tema foi: contar histórias do período da pandemia do Covid-19, principalmente nos anos de 2020 e 2021. Cada conversa nos levou para um caminho, trouxe problematizações diferenciadas. Cada pessoa navegou suas memórias de acordo com o que fazia sentido ser narrado. Tais conversas ocorreram no primeiro semestre de 2024, o tão temido último ano do curso de doutorado. Essas conversas foram feitas de forma *online*, no aplicativo *Microsoft Teams*, bem como pelo aplicativo *Whatsapp*, e aconteceram individualmente. A problematizar o conceito “estéticapolítica” da sobrevivência. Trazemos as memórias de Valéria¹² que nos diz:

Eu só tinha a câmera e eu no meio de um quarto. Então, eu tinha que criar, chamar a atenção das crianças de alguma forma, acolher elas. Foi quando eu pensei no meu personagem, na Emília. E, assim, a Emília é uma querida, que eu gosto, né, muito; sei que hoje o autor dela é muito questionado por ser racista. Mas tô falando da personagem, ela é viva! E eu acho que tem essa questão da, de ser falante, né, de se colocar, né, da questão da dança, da música, do brincar, né, da mímica... O meu quarto virou um estúdio... Um estúdio que criava vidas. Isso que ficou pra mim, né? Eu sou capaz de ser ator e diretor de vídeos (Mota; Valéria, 2024 *apud* Rossato, 2025, p.129).¹³

Ao nos embalar nesta interrogação, mergulhamos no acervo digital do grupo de pesquisa *Audiovisualidades e tecnocultura: comunicação, memória e design - TCAV*,¹⁴ liderado pela pesquisadora Suzana Killp, e

que realiza algumas atualizações no conceito através de pequenos registros da experiência pandêmica. Palma (2021), ao pensar com Bergson, compreende o desbloqueio, a partir dos usos com o audiovisual, das memórias na pandemia: “O passado se atualiza no presente, estar diante de um concreto evoca lembranças” (Bergson, 2006 *apud* Palma, 2021).¹⁵ O estúdio de Valéria, uma memória reconstruída num presente, a partir de uma conversa de pesquisa, deixa de habitar o imaginário íntimo, originando uma atualização dos usos e práticas, com o audiovisual, daquela época. Ainda sobre as memórias de Valéria, ela nos traz duas reflexões muito interessante sobre o retornar a vida longe do isolamento sanitário e das telas que constituíram vínculos:

Essa Valéria, eu acho o que ficou de sobrevivência dessa Valéria porque, né, nós sobrevivemos enquanto professores, foi a de sermos fortes, né, porque foi um desafio muito grande, né, que foi... a gente desafiou a nós mesmos, desafiámos os vídeos, a quantidade de dados que tinha a nossa internet, foi muito desafiador. Então, eu acho que eu voltei mais forte porque se eu não tivesse passado por essa experiência dos vídeos, eu acredito que seria difícil depois retornar pra creche, né, porque, quando eu retornei pra, pra creche presencial, foi uma questão de coragem realmente, né, sobrevivi e levei comigo coragem, porque nós estávamos ali, é, vulneráveis, né? [...] Eu voltei mais forte, né, com coragem, mais corajosa porque, porque em sala de aula, é uma questão de coragem realmente, seja essa sala na creche, ou no meu quarto que virou um estúdio, nos dois, é preciso ter coragem (Mota; Valéria, 2024 *apud* Rossato, 2025, p. 129).

Através dessas memórias fabuladas e reinventadas, personificamos nossas lutas, nossa sobrevivência, instalamos outros mundos, deslocando uma história engessada em história contada, ficcionalizada. Preciado (2023) nos declara que ao tratarmos as modalidades de um presente revolucionário, é urgente assinalar não somente a subjetivação política, mas também a invenção de novas formas de vida.

ENTRE ABRAÇOS

A palavra “abraço” nos ajuda a problematizar o que fica em meio a criação de lógicas de uma “estéticapolítica” da sobrevivência. Em *Livro dos Abraços*, Eduardo Galeano (2003) nos afeta ao tratar a memória como algo vivo, orgânico, inquieto. Suas memórias “*individuaiscoletivas*” são como andarilhos incessantes de um caçador de histórias. Tanto que em sua passagem sobre o mundo ele nos traz a história de um pai que conta um segredo, ao filho, no momento que revela “Deus não faz o mundo”, o menino surpreso e perplexo indagou o pai, que lhe conta um segredo: “[...] quem faz o mundo somos nós, os pedreiros”. Nesse fazer diário, em fazer o(s) mundo(s), que Valéria nos revela um vídeo que foi gravado - espontaneamente - a partir do primeiro dia presencial, meados de 2021, com todos os rígidos protocolos de distanciamento, mas que traz um pouco da relevância dos afetos que foram construídos em vídeos e de como isso

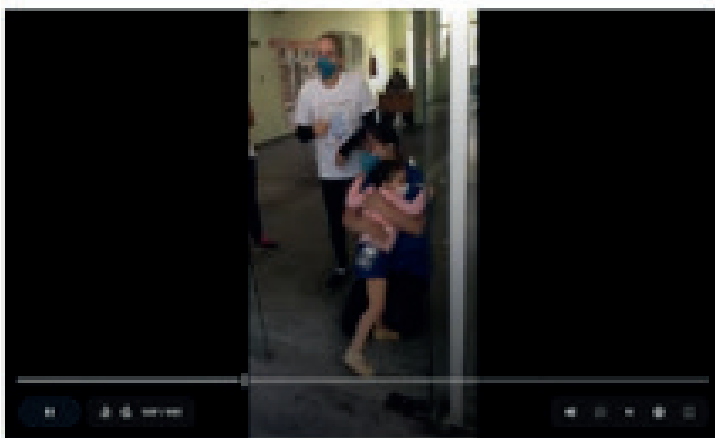


Figura 5 - Vídeo de Valéria com registro do abraço de uma criança (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Valéria.

ficou, não é dissipado. Esse afeto que extrapola qualquer norma, qualquer protocolo:¹⁶

A experiência de visualizar o registro deste abraço nos faz afirmar que existe uma docência vaga-lume, que inventa formas outras de praticar a docência em meio à destruição, uma docência que se volta às experiências: “[...] indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos a noite” (Didi-Huberman, 2011, p. 148). A experiência do abraço estaria para o conhecimento sistematizado, assim como uma dança em noite profunda está para luz imóvel. Assim, a experiência do abraço nos mostra que o desejo não cessa, somos capazes de encontrar lampejos inesperados. Nesse sentido, Valéria, uma das professoras da creche com quem conversei sobre as memórias da docência na pandemia, nos conta um pouco das suas experiências com a criação de vídeos:

A gente começou a fazer propostas em vídeos e, com o tempo, propostas diferentes, né? E eu lembro que eu tinha ido pra Saquarema, lá onde minha mãe mora, no condomínio que a minha mãe mora... Então, eu comecei a passar um pouco a questão da natureza com vídeo de música, de brincadeira, mas também de contato com a natureza; mesmo que esse contato seja através da tela. Mas sempre, no início, do vídeo, tendo aquela preocupação de falar: “Olha eu tô tirando a máscara porque aqui num tem, num tem outra pessoa; eu tô num espaço só eu e os patinhos; a pessoa que tá filmando tá usando máscara”. Eu parecia o Willian Bonner no Jornal Nacional (risos). Aí foi quando a gente começou a fazer algo diferente, que foi filmar na natureza, filmar os patinhos, e foi, foi muito legal! As crianças em contato com a natureza, mesmo que entre telas, era o que era possível naquele momento (Mota; Valéria, 2024 apud Rossato, 2025, p. 39).

A partir dessa experiência, estamos compreendendo a docência vaga-lume como aquela que, mesmo em contextos de destruição, apagamento ou precarização da vida e da educação, insiste em brilhar - ainda que em lampejos breves e intermitentes. Inspirada na metáfora proposta por Didi-Huberman (2011), essa docência se configura como uma prática de resistência “*estéticapolítica*” e afetiva que não se deixa aniquilar pela

obscuridade dos tempos. Tal como os vaga-lumes, que sobrevivem na penumbra e emitem luzes frágeis, mas persistentes, as docentes reinventam, a exemplo do que nos narra Valéria, modos de ensinar e de se relacionar com as crianças, produzindo gestos luminosos de cuidado, criação e partilha.

A docência vaga-lume é, portanto, uma pedagogia da sobrevivência, que transforma o cotidiano em espaço de invenção e esperança. Ela se manifesta nas pequenas ações, nas afetações mútuas, nos gestos de acolhimento e nas criações sensíveis que emergem mesmo em meio à crise. Como afirma Didi-Huberman (2011), esses lampejos são formas de vida clandestinas, que escapam às lógicas de controle e destruição, afirmando a potência do desejo e a capacidade humana de criar mundos mesmo na escuridão.

Assim, pensar uma docência vaga-lume é reconhecer que há uma força que persiste nas margens, uma pedagogia que se move entre sombras, produzindo sentidos, saberes e afetos que iluminam - ainda que brevemente - os caminhos da educação em tempos sombrios.

A pandemia nos evidenciou essa potência criadora, ao revelar como os usos e as criações audiovisuais foram sendo incorporados, inventados e reinventados a partir da necessidade. Essa necessidade, aponta Bibiana de Paula (2021), pode ser compreendida como “*gambiarra audiovisuais*”. E por que usar este termo? Talvez pelo fato de uma criação técnica - nos anos de 2020 e 2021- surgir em muitos contextos da vida como solução dos problemas de relacionamentos diversos - como no trabalho, familiar, amizades, afetivos etc - e que, a partir de ferramentas experimentais, leva à quebra de um contexto restritivo no uso do audiovisual, como afirma Bibiana de Paula (2021) ao citar Obici: “[...] invertem-se através da gambiarra as hierarquias que os objetos, mídias, tecnologias e serviços nos propõem”. Dizendo de outra forma, “a gambiarra institui, mesmo que temporariamente, a inversão dos desígnios embutidos na tecnologia, revelando o avesso da ordem que ela instaura” (Obici, 2014, p. 54 apud Paula, 2021).

ALGUMAS (DES)CONSIDERAÇÕES

Vale salientar, com Bhabha (2011, p. 42), o caráter estético na elaboração do sentido de sobrevivência: “[...] metáfora cindida na sua estrutura de continuidade - o evento ‘antes’ e ‘depois’”. A partir dessas aprendizagens, percebemos, por meio das memórias-docentes, que para reinscrever a estética da docência, em termos de eficácia não apenas simbólica, mas também social, foi urgente a interpelação de memórias grupais. Isso nos insere em um debate contemporâneo sobre a relação entre o estético e o político na/com a docência da Educação Infantil, que ainda é vista por muitos como algo puro e encantador, isento de força política.

Essas instâncias que se misturam, o “*estéticopolítico*”, surgem da abertura em meio às necessidades que vem da interrupção de um sonho de mundo, para criação de outros mundos, de outras formas de existir e resistir, para assim, re-existir. Trata-se de uma ideia de comunidade que origina, de modo precário, um sentido de sobrevivência, um sentido que não é singular, mas sim, coletivo que vem na/com as memórias. Nesse contexto, Bhabha (2011) contribui para a discussão ao abordar as relações entre os acontecimentos e a história, ressaltando a importância das memórias nos sentidos da sobrevivência. O autor argumenta que o acontecimento histórico, com toda a sua carga de registro, data, tempo e nome, abre caminhos para a passagem pela memória, seja ela diferida ou acelerada. Essa repetição da memória, que aparece como um testemunho, evoca tanto a angústia afetiva quanto a necessidade de relembrar, recordar e reconhecer. Bhabha observa que a “insatisfação” rivaliza com a satisfação de transformar um acontecimento histórico, épico ou ético em memória, lembrando-nos da exigência de uma ansiosa existência na história.

A metodologia, de uma docência em meio a catástrofes e mundos possíveis, é ancorada numa “*estéticapolítica*” da sobrevivência, ou seja, na capacidade coletiva de tornar o otimismo uma metodologia (Preciado, 2023). Uma docência, num mundo disfórico, é uma

docência transicionando não para uma nova identidade, mas para outras formas de sentir, de estar no mundo, que provoca a desordem, a micro-mudança, que vive de intensidades, de lampejos, de memórias. Como nos diz Preciado: “Não somos meras testemunhas do que ocorre. Somos o corpo através do qual a mutação chega e se instala” (Preciado, 2023, p. 64).

Para Deleuze (2006), os conceitos são uma potência e servem como articulações, construções de conexões dinâmicas e criativas para pensar e mapear o mundo em constante devir. Os conceitos têm singularidades, não unidades. Por isso, os conceitos podem e servem para serem deslocados, trazendo suas potências e pertinências a outro-novo contexto. Conforme o mesmo autor, os conceitos são dispositivos ativos que nos permitem explorar e criar novas formas de compreender o mundo. Eles são dinâmicos e fluídos, capazes de capturar a multiplicidade e a complexidade dos fenômenos que buscam descrever. Mas, não só isto, pois são produzidos e transformados através de um processo contínuo de articulação, que possibilita abrir novas possibilidades de pensamento e ação. O que, possibilita explorar as multiplicidades do mundo e inventar novas formas de vida e de pensamento (Rossato; Sousa; Melgar, 2024).

Criação de uma “*estéticapolítica*” da sobrevivência encontra sua força, sua fonte, num corpo inventivo, que não se furta às exigências que lhe são postas em tempos de horror, porém que, por meio da coletividade e dos afetos se coloca a: “Praticar um jogo difícil entre constrangimento imposto e o exercício da invenção. [...] Um aprendiz artista que não se conforme com os limites atuais, mas toma a si mesmo como objeto de uma invenção complexa e difícil” (Kastrup, 2001, p. 24).

O que é ser Docente na Educação Infantil? Talvez, essas memórias nos façam imaginar os múltiplos processos de mutação (cognitivos, energético, institucional, relacional) e como esses processos são urgentes para reorganizarmos a transição de, como afirma Preciado (2023), um novo regime epistêmico. Em nosso caso, a docência, a formação, os

currículos. E, como também diz o autor: “Tenham pressa e façam vocês mesmos. Não esperem nada das instituições” (Preciado, 2023, p. 540).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Práticas Pedagógicas em Imagens e Narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje. São Paulo: Cortez, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. **Bazar global e clube dos cavaleiros ingleses**: textos seletos de Homi Bhabha. Organização de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (1992). Protocolos, etc., 1997. **Protocolo de Quioto e legislação correlata**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70328/693406.pdf>>. Acesso em: 4 mai. 2026.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.

DIDI-HUBERMAN, George. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan.-jun. 2001.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KILPP, Suzana. Dispersão-convergência:

apontamentos para a pesquisa de audiovisualidades. In: MONTAÑO, Sonia; FISCHER, Gustavo; KILPP, Suzana. **Impacto das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MADDALENA, Tania Lucia. A HIPERESCRITA DE SI: memória, experiência e invenção digital na formação de professores. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v.21, n.60, p. 203-217, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/48638>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

OLARIETA, Fabiana; SEIXAS, Conceição; GOMES, Lisandra. Apresentação - Infância, politizações e estésias: as vivências das crianças e os lugares que ocupam no mundo atual. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v.16, 2020. Disponível em: <http://educar.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872020000100300>. Acesso em: 10 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <https://ead4.fgv.br/producao/CTAE_cursos/meio_ambiente/artigos/declaracao_%20do_rio_de_janeiro_sobre_meio_ambiente_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2026.

PASOLINI, Pier Paolo. O artigo dos vaga-lumes. In: PASOLINI, Pier Paolo. **Escritos corsários**. São Paulo: Editora 34, 2020.

PAULA, Bibiana de. Adaptações audiovisuais criativas em tempos de pandemia. **Audiovisualidades e Tecnocultura - Comunicação, memória e design**, [s.l.], TCAV Grupo de pesquisa/Unisinos, 2021. Disponível em: <<https://www.tecnoculturaaudiovisual.com.br/adaptacoes-audiovisuais-criativas-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 1 out. 2024.

POLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi*: o som do mundo desmoronando. Tradução de Eliana

Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível:** estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

ROSSATO, Bruno Costa Lima. **Entre lampejos e sobrevivências:** uma docência em educação infantil nas/com as audiovisuais. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/23698>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

ROSSATO, Bruno; SOUSA, Nilcélio; MELGAR, Eduardo. Partilhas e navegações: redes de afeto entre pesquisadores em educação e seus processos de produção de “conhecimentossignificações”. **Anais XII Seminário internacional redes educativas e tecnologias**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/redes2024/trabalho/366978>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

SOARES, Conceição. O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos das escolas. **Visualidades**, Goiânia, v.14, n.1, p. 80-103, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/43033>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

Notas

¹ Sobre o termo “estéticapolítica”, presente neste título, devemos esclarecer que a forma estética, de juntar palavras, se coloca como uma posição política diante de termos que, na ciência cartesiana, eram considerados opostos, dicotômicos e, ao juntarmos essas palavras, criamos formas outras de pensar os seus significados, provendo sentidos outros. O princípio da juntabilidade é proposto conforme a tendência de pesquisa intitulada “*nosdoscom*” sobre os cotidianos (Alves, 2019).

² A noção de experiência, operada neste texto, visa caminhar pelas ideias de Walter Benjamin em diversos escritos. Nesse sentido, as memórias aqui trazidas funcionam como vestígios de um tempo, e, nessa compreensão, Benjamin (1994) diz que o vestígio é a ideia de um passado que deixa marcas no presente, possibilitando uma experiência que escapa à reprodutibilidade técnica e à mercantilização. Assim, o vestígio

não é simplesmente uma marca física, mas algo que atravessa a subjetividade. Desta maneira, os vestígios estão presentes em diversos artefatos: nas ruínas, nos objetos antigos, nas fotografias, nos textos, nas memórias, funcionando como uma chave para compreender tanto a história quanto o próprio sujeito. Logo, as memórias trazidas para este texto funcionam como a experiência do Narrador, no qual Benjamin sugere que a transmissão de histórias é essencial para a experiência verdadeira. Para o autor, com o avanço da imprensa e da informação rápida, a arte da narrativa se perdeu, e com ela, a capacidade de compartilhar experiências. Com isso, o colecionador, o historiador e o leitor podem reconstruir narrativas e recuperar vestígios do passado, estabelecendo novas conexões.

³ Atuamos com o conceito de Kilpp (2012) que nos movimenta a pensar audiovisuais como um audiovisual praticado por pessoas comuns. Entre as leituras desse conceito, entendemos as audiovisuais como um grande borrão nas fronteiras construídas entre pesquisadores; realizadores dos “códigos imagéticos” e a produção e consumo audiovisual, ou seja, formas outras de saber-poder com os dispositivos de imagens e sons.

⁴ Tradução dos autores. No original: “*I have a tale to tell/ Sometimes it gets so hard to hide it well.*”

⁵ A obra de Achille Mbembe citada é *Necropolítica* (3. ed., São Paulo, n-1 edições, 2018).

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gTfjpMCJcoo>>. Acesso em: 18 set. 2024.

⁷ Termo usado por Preciado (2023) para denominar o tripé do regime capitalista na contemporaneidade: a indústria do petróleo e seus derivados; as opressões sexuais e de raça. Nas palavras do autor: “denomino petrosexoracial o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa para a totalidade do planeta [...]. O patriarcado e a colonialidade não são épocas históricas que deixamos pra trás, mas epistemologias, infraestruturas cognitivas, regimes de representação, técnicas do corpo, tecnologias de poder, narrativas e imagens que seguem”.

⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/09/18/video-criancas-desmaiam-em-escola-por-cao-da-fumaca-de-incendio-no-df.ghtml>>. Acesso em: 12 abr. 2025

⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2024/09/11/cruzeiro-do-sul-adere-a-suspensao-de-aulas-em-escolas-estaduais-por-conta-da-poluicao.ghtml>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

¹⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/22/prefeitura-do-rio-de-janeiro-decreta-ponto-facultativo-por-cao-do-risco-de-temporais.ghtml>>. Acesso em: 20 out. 2024.

¹¹ A noção de fabulação, inserida neste artigo, vai de encontro com Soares (2016, p. 98) que nos diz: “O que está em questão é a ampliação da capacidade imaginativa, o que possibilita outros modos pelos quais os indivíduos imaginam sobre si e sobre o outro, redefinindo a ideia de representação (na perspectiva do realismo) e abrindo caminho para a fabulação [...] que a função fabuladora, ao deixar de lado as verdades construídas pelos discursos hegemônicos e ao apostar na evocação de uma potente falsidade sobre si, estaria aderida a uma formulação do devir da personagem real quando ela se põe a ficcionar, contribuindo para a invenção de si e de seu grupo”.

¹² Todos os participantes autorizaram o uso de seus nomes, bem como autorização para o uso dos materiais compartilhados (vídeos e algumas fotos). A concessão foi dada em dois momentos: na conversa online, bem como no preenchimento de um formulário, do *Google Forms*, intitulado: “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

¹³ Mota está inserido no que denomina-se “drive de pesquisa” (Rossato, 2025, p. 22). Neste drive estão reunidos os arquivos de vídeos sob o qual eu gravei as conversas com essas professoras; algumas ideias que tinha na correria do dia a dia e registrava no meu próprio grupo de *Whatsapp* e, em seguida, subia o *print* das telas; alguns vídeos produzidos, na época pandêmica, que consegui recuperar; fotos; textos; links de site, enfim, um conjunto de materiais que faço uso nesta pesquisa para contar histórias, compartilhar experiências, criar ficções (Maddalena, 2020).

¹⁴ O grupo - que se intitula como diretório - criou uma série digital intitulada *Audiovisualidades na pandemia*, trazendo pequenos textos com reflexões sobre o tema, com diversos autores pertencentes ao grupo. Ressalto que o grupo foi criado em 2003 e possui como um dos seus fundamentos básicos: “A perspectiva epistemológica do diretório entende o audiovisual como um campo contemporâneo de convergência de formatos, suportes e tecnologias, resguardadas as especificidades do cinema, da televisão, do vídeo e das mídias digitais. [...] A partir dessa compreensão, o Diretório pretende contribuir para um salto conceitual e metodológico, a fim de entender e explicar a produção audiovisual e experimentar novas poéticas, além dos padrões consagrados”. A citação sobre os fundamentos, bem como os manuscritos da série estão disponíveis em: <<https://www.tecnoculturaaudiovisual.com.br/>>. Acesso em: 1 set. 2024.

¹⁵ A obra de Henri Bergson aqui citada intitula-se *Memória e vida*, textos escolhidos por Gilles Deleuze (Martins Fontes, 2011).

¹⁶ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1LIEOXyicxNmOq2gpjLcyOSnqWkmOM9NS/view?usp=drive_link>. Acesso em: 1 mar. 2025

SOBRE OS AUTORES

Bruno Costa Lima Rossato é doutor e mestre em Educação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPED/UERJ), com experiência em ensino, pesquisa e desenvolvimento de projetos educacionais. Atua na formação de professores, elaboração de políticas educacionais e estudos sobre práticas pedagógicas inovadoras. Possui publicações em revistas especializadas e participa de conferências nacionais e internacionais, contribuindo para o avanço da educação no Brasil e promovendo metodologias que favorecem a aprendizagem significativa e a inclusão escolar. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7236-1233>>. E-mail: rossatbruno@yahoo.com.br

Nilcelio Sacramento de Sousa é professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UEBA). Atua em pesquisa e ensino nas áreas de Educação e Formação Docente. Possui experiência em elaboração de currículos, desenvolvimento de projetos pedagógicos e gestão educacional. Participa de grupos de pesquisa e eventos acadêmicos, contribuindo para estudos sobre práticas pedagógicas, diversidade na educação e em políticas educacionais. Líder do Grupo de Pesquisa *ATRAVESSAMENTOS: Estudos e Pesquisas sobre os cotidianos da formação docente e diferenças* (UFT/CNPq). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-8908-1841>>. E-mail: nilsousa@mail.uft.edu.br

Recebido em: 28/4/2025

Aprovado em: 17/11/2025